

PICHAR PARA SIGNIFICAR: O SUJEITO E SUAS FORMAS DE RESISTÊNCIA

Wagner Ernesto Jonas Franco*

Resumo:

O objetivo deste estudo é analisar a imagem de uma pichação que circulou nas redes sociais neste ano. O foco é compreender como se configuram os sentidos dessa materialidade discursiva a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa, que toma como corpus qualquer materialidade significativa verbal ou não verbal. A Análise de Discurso entende a língua como relativamente autônoma e local onde se materializa a ideologia, formando o discurso. Não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. O sujeito é interpelado pela ideologia e formado na e pela linguagem. Com estes conceitos, compreendemos que a materialidade discursiva da pichação revela relações contraditórias entre grupos sociais que são constitutivas do discurso e esta materialidade é enunciada a partir de uma posição de resistência do enunciador. Este entendido não como a origem dos sentidos, mas sujeito que retoma sentidos pré-existentes em determinada(s) formação(ões) discursiva(s). Concluímos que língua e sociedade se constituem mutuamente e que o discurso revela diferentes formas de protesto do sujeito. Formas que garantem sua inserção na história e reivindicam reconhecimento e melhoria na sociedade. Por último, a imagem da pichação no ambiente virtual traz a memória do que é produzido no social com novos significados e novos leitores e, sobretudo, desvencilha o aspecto criminoso do ato de pichar.

Palavras-chave: pichação; análise de discurso; sujeito; resistência.

Abstract:

The aim of this study is to analyze the image of a graffiti that circulated on social networks this year. The focus is to understand how the meaning is configured in this discursive materiality from the theoretical and methodological assumptions of the French Discourse Analysis, which takes as corpus any verbal or nonverbal significant materiality. Discourse Analysis considers language as relatively autonomous and where ideology is materialized, forming speech. There is no speech without subject and there is no subject without ideology. With these concepts, we understand that the discursive materiality of graffiti reveals contradictory relations between social groups that are constitutive of discourse and this materiality is stated from a position of resistance of the enunciator, understood not as the source of the meaning. We conclude that language and society are mutually constituted and that the speech

* Graduado em Letras pela Universidade do Sapucaí, especialista em Metodologia do Ensino de Língua Estrangeira e Portuguesa pela Uninter, mestrando em Ciências da Linguagem pela Universidade do Vale do Sapucaí. E-mail: dominiumwagner@yahoo.com.br.

reveals different subject's forms of protest. Forms that ensure their inclusion in the story and claim recognition in society. Finally, the image of graffiti on the virtual environment brings the memory of what is produced in social, with new meanings and new readers, and especially disengages the criminal aspect of the act of tagging.

Keywords: graffiti; discourse analysis; subject; resistance.

Introdução

A linguagem se constitui na sociedade através de diferentes práticas materiais. Essas práticas são formas de significar e produzir sentidos bem como maneiras de o sujeito se significar. Parte integrante da constituição dos sentidos, não se pode falar de linguagem sem se referir ao sujeito que a produz. Sujeito que é perpassado e constituído pelo simbólico e pelo ideológico. Para isso, é preciso considerar as condições sócio-históricas em que o enunciador se insere e que o mobiliza a colocar em funcionamento certos processos discursivos.

Neste trabalho, procuraremos analisar uma materialidade linguística muitas vezes não valorizada e incompreendida na sociedade atual, mas que existe há muito tempo e revela uma maneira singular de o sujeito se relacionar com a linguagem para produzir sentidos e se inserir na sociedade. Esta materialidade é a pichação. Mais especificamente, uma pichação em um muro branco em uma cidade não identificada cuja imagem (fotografia) circulou nas redes sociais há pouco tempo. Nosso objetivo é compreender como se configuram os sentidos na materialidade discursiva desta pichação.

Utilizaremos dos pressupostos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa (ADF) para lançar um olhar discursivo ao *corpus* e entendê-lo não como conteúdo ou testemunho da verdade, mas para abordar a(s) formaçõ(es) discursiva(s) em que o sujeito de linguagem se inscreve, para que suas palavras tenham sentido (ORLANDI, 1996). Lembrando que todo discurso resulta do entrecruzamento de vários outros domínios discursivos, que circulam em um dado momento sócio-histórico-cultural. (CAVALLARI, 2011).

A imagem segue abaixo:

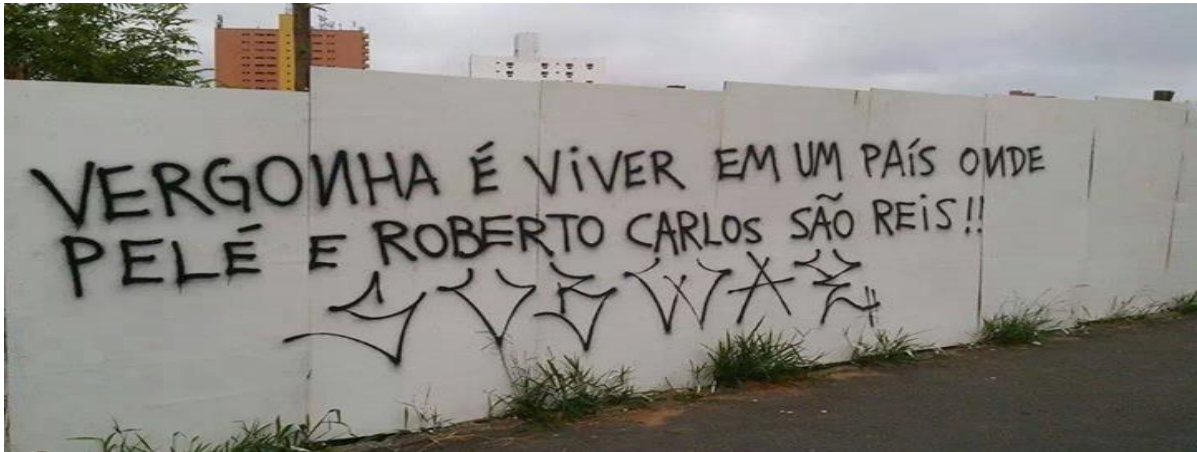


Figura 1: a pichação (Fonte: <https://www.facebook.com/redeesgotodetelevisao/posts/709143485797712>)

1. Fundamentação teórica

Nesta parte, esclareceremos alguns pontos relevantes para a ADF e que se relacionam à materialidade discursiva tratada. Estes pontos permitem-nos desvelar os efeitos de sentido da pichação. São eles: língua, ideologia, discurso, sujeito, formação discursiva e condições de produção.

Orlandi (1998) diz que a relação entre língua e ideologia é materializada no discurso. É no objeto discursivo que os efeitos do jogo da língua na história são percebidos. Historicidade e ideologia são constitutivas e necessárias para a compreensão de como os sentidos e os sujeitos se constituem no *corpus* analisado. Historicidade, diz Orlandi (2012, p.13), é “como os sentidos se constituem na relação da linguagem com a exterioridade, pensando a exterioridade *no* texto, discursivamente, isto é, produzindo efeitos de sentidos por e para sujeitos.”

No *corpus* de análise, a historicidade presente no enunciado é que nos faz compreender a maneira como a pichação significa e algumas das formações discursivas às quais ela se filia, de acordo com a ideologia materializada. Sem a historicidade, há apenas uma superficialidade de análise que impossibilita a produção de determinados efeitos de sentido que evocam já-ditos ou a memória discursiva.

A memória, diz Orlandi (2010, p. 31), “tem suas características, quando pensada em relação ao discurso.” Ela é todo um conjunto de sentenças proferidas anteriormente em outra situação e que são “esquecidas” pelo sujeito ao dizer. Ao enunciar, o sujeito traz esta memória atualizando o enunciado, tornando-o único no momento. Isso só é possível pelo que Pêcheux (1997) chama de esquecimento número

1, de caráter ideológico, em que o sujeito acredita ser a fonte do dizer, mas, na verdade, retoma sentidos pré-existentes.

Memória e historicidade são constituintes dos sentidos. É importante relacionar historicidade com o que Pêcheux (1990) chama de efeito metafórico: que é deslizamento de sentido, deriva. Para Pêcheux (idem), o efeito metafórico mexe com a memória à qual está filiada à rede de sentidos. O efeito metafórico é um fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, parte constitutiva do sentido (Pêcheux, 1997). O efeito metafórico tem como efeito manter uma ancoragem semântica através de uma mudança na superfície do texto.

Assim, os sentidos se constituem na relação entre a historicidade e o efeito metafórico. Um discurso remete a outro e pode sempre vir a ser outro. É por esta relação de sentido que compreendemos nosso *corpus* de análise. Um discurso se constitui a partir de um discurso prévio, de já-ditos. Pêcheux (1990, apud Orlandi, 2012, p.13) complementa: “ao produzir um deslizamento, uma mexida na repetição, provooco um efeito sobre o sentido que estou produzindo e sobre aquele de que ele desliza. Se $a \rightarrow b$, então, em retorno, o deslizamento para b provoca um efeito também sobre a .” (p. 13).

A seguir, empreendemos a análise do nosso objeto, relacionando-o aos conceitos tratados e como ele produz efeitos de sentido, de acordo com suas condições de produção.

2. A análise

Os efeitos de sentido são constituídos em condições específicas. É o que Pêcheux (1997) chama de condições de produção: “o estudo da ligação entre as “circunstâncias” de um discurso e seu processo de produção.” (p. 75). Orlandi (2010) diz que há as condições de produção no sentido estrito, que é o contexto imediato da enunciação, e no sentido amplo, que é o contexto sócio-histórico, ideológico.

Em relação às condições de produção, é preciso compreender as circunstâncias atuais da sociedade brasileira que permitiram o enunciado da pichação, já que é numa dada formação social que compreendemos o discurso, uma prática que envolve sujeitos, a língua e a ideologia.

Neste ano de 2014, o País sedia a Copa Mundial de Futebol, evento esportivo de grande alcance e que é celebrado pela nação e o mundo. Nesta época, a população se volta para este importante evento de entretenimento. Sabemos que o Brasil,

pentacampeão mundial, possui uma renomada tradição no futebol nacional e internacional. Nossos jogadores são destaques e disputados em diversos times em variados países. Sem contar que são idolatrados por fãs de todas as idades. Isso consagra o Brasil como “país do futebol”. Claro que, dentro de um evento de grandes proporções, é normal surgir certa competição e rivalidade com outros países, que acarreta a comparação de jogadores brasileiros com outros no mundo todo.

Um jogador em particular, Edson Arantes do Nascimento (Pelé), 73 anos, destacou-se em sua época por ser imbatível em campo, com a proeza de mais de 1000 gols e passes incríveis e feitos inalcançáveis. Foi, por isso, coroado pelos torcedores e fãs como “Rei do Futebol”.

Mas, não é só no futebol que o país se destaca. Na música, há diversos cantores e compositores que habitam o imaginário das pessoas e alcançam certo destaque tradicional, são imaginariamente representados como heróis. Um destes cantores é Roberto Carlos, 73 anos, ainda realiza shows em diversas localidades. É conhecido pelas canções melosas que retratam amores idealizados que acabam por penetrar nos corações dos fãs, também foi coroado “Rei”.

Ambos os artistas possuem imagem bastante divulgada na mídia. Protagonizam comerciais de televisão, são entrevistados em programas de audiência, participam de eventos e campanhas de *marketing* no Brasil e no mundo, sem contar que uma gama de artistas mais novos se apoia em suas experiências. Desta forma, eles ainda mantêm uma imagem presente na atualidade. São formadores de opiniões para novas gerações e exemplos de persistência e luta para os mais velhos. Dessa forma, música e futebol são formas de entretenimento tradicionais e com bastante destaque no nosso país. Assim, ser o país do futebol e do carnaval constitui um traço da identidade cultural brasileira, além de se constituir como um discurso que já fez memória em relação ao nosso país.

Porém, há um lado negativo do país que é importante para a análise em questão e constitutiva das condições de produção do discurso. O Brasil é conhecido mundo afora também pelas mazelas e pobreza que alcança milhões de pessoas. Um país em desenvolvimento com desigualdades sociais gritantes. Com cidades que comportam favelas onde a criminalidade e o tráfico de drogas imperam e o Estado não consegue atuar. Segurança, transporte coletivo, saúde e educação pública de qualidade são itens básicos que os brasileiros constantemente reivindicam perante as autoridades competentes.

Com quase nove por cento da população em extrema pobreza o Brasil sofre para dar vida digna aos carentes. E temos aí um Estado capitalista falho que constitui o sujeito. Em uma sociedade dividida em classes, os sentidos também são divididos. É o político no simbólico. (Orlandi, 2010).

Os carentes são vitimados pelo preconceito e, muitas vezes, são vistos como responsáveis pelo próprio estado de miséria. O Estado capitalista voltado para o lucro falha em permitir que essas pessoas tenham as oportunidades necessárias para sair da situação calamitosa em que vivem. A falta de acesso à educação de qualidade é a principal razão desta situação.

Assim, temos formações discursivas que constituem os sentidos dentro de determinados grupos sociais. Os efeitos de sentido originam-se dentro dessas formações discursivas, ou seja, os sentidos não estão nas palavras, mas

As palavras, expressões, proposições etc. mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às posições ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição numa conjuntura dada, determinada pela luta de classes, determina o que pode ser e deve ser dito. (PÊCHEUX, 1988, p. 160).

A palavra “vergonha” na pichação tem seu sentido definido não *a priori*, mas dentro dessas formações discursivas. Nas relações contraditórias dos grupos sociais, temos um grupo que é definido discursivamente como culpado, uma situação vergonhosa se instala. Os carentes sentem vergonha de estarem na situação em que, muitas vezes, não são culpados. Este processo de significação incide na constituição identitária do sujeito. Um processo que é constituinte do Discurso e dado pela ideologia, que liga o sujeito às condições materiais de existência. Como as identidades são construídas na/pela linguagem e na relação com o outro e o Outro, os sujeitos são múltiplos, dispersos, falhos e heterogêneos. Sentidos e sujeitos se constituem e são constituídos ao mesmo tempo. Os sentidos são múltiplos e heterogêneos também. Como dissemos, os sentidos não são fixos e variam de acordo com as formações discursivas e ideológicas.

A palavra “vergonha” é enunciada de uma posição social de resistência, possibilitando a produção de sentidos outros que possam mexer ou provocar mal-estar na representação imaginariamente compartilhada do nosso país como país do futebol e do entretenimento. Mexe-se em verdades já naturalizadas. Na relação com o restante do enunciado, “vergonha” soa como uma contrarresposta, um brado de

protesto. A palavra traz à baila um imaginário que se relaciona aos inúmeros incidentes vergonhosos, muitas vezes de natureza política, que assolam o país. Esse dizer também nos remete à memória de país colonizado que elege como “Reis” figuras pouco representativas do ponto de vista nacional e do desenvolvimento.

A pichação está, desde o princípio, ligada ao protesto e ao vandalismo. Ela difere do grafite por não ser considerada artística. O grafite é respeitado e permitido pelo Poder Público em locais determinados. A pichação é vandalismo, feita às escondidas, na maioria das vezes à noite; os pichadores são sujeitos à prisão e multa. Das demarcações de território por gangues, as pichações passaram a representar práticas de protesto contro um sistema opressor: Em 1968, em Paris – Em 1960, na Alemanha¹.

E é como forma de resistência que esta pichação se insere. De acordo com Pêcheux (1969), todos enunciados são passíveis de se tornarem outros. A partir das condições de produção dadas, permite-se fazer a deriva: *vergonha é viver em um país em que música e futebol são mais discutidos e valorizados do que as desigualdades sociais*. As formas de entretenimento dominantes são usadas como formas de alienação social. Uma situação que remete à Política do Pão e Circo do Império Romano. Assim, ao valorizar o entretenimento, o povo se aliena e se esquece dos reais problemas.

A palavra “vergonha” assume na pichação um outro significado, que pertence a outra formação discursiva, ligada à memória e ao interdiscurso. É uma resposta àqueles que julgam e oprimem: dada a situação atual brasileira, não é vergonha ser pobre, mas viver em uma situação de pobreza e que o Estado não consegue chegar.

Atentemos também para a polissemia da palavra “Rei”. Ela remete à figura governamental do sistema feudal da Idade Média, época em que as pessoas tinham seus destinos traçados desde o nascimento. Pertencentes a certas castas não podiam mudar. Tudo era fixo e determinado. “Rei” remete então à dominação, figura única que governa, antiguidade, sentido único, opressão, pré-construído, inquestionabilidade dos sentidos. Tudo isso se faz perceber pela historicidade e memória que constituem os sentidos desta pichação.

Nesta pichação, as letras “n” das palavras “vergonha” e “onde” estão ao contrário. Em Análise do Discurso, o sujeito é falado pela ideologia e isso não se dá de forma consciente, portanto, não se trata aqui de um mero erro linguístico. O pichador

¹ De acordo com <http://pt.wikipedia.org/wiki/Picha%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em 18/05/2014 às 18:49.

se significa na criação de sua escrita. Ele elabora seu sistema sem cair na armadilha que desqualifica o analfabeto e não se submete a parâmetros de certo/errado (Orlandi, 2004). Contrárias estão as letras, novos efeitos de sentidos são provocados. A palavra “onde” na frase é um pronome relativo, refere-se a país. Um novo sentido para as palavras “vergonha” e “país”, portanto, constitui-se na materialidade.

Também característico desta pichação é a legibilidade. Escrita em letra de forma, clara, grande, gramaticalmente correta, com acentuação e pontuação nos lugares apropriados. Escrita de escolarizado. E que estudou bem, sabe pontuar e concordar os termos. A que se concluir que também é voltada para os escolarizados. Temos aí um possível interlocutor que (se) reconhece (n)esta escrita. Que também frequentou os bancos escolares. Não é uma escrita voltada para o analfabeto, o favelado que não teve acesso à escola.

Reforça o conceito do pichador como um alto escolarizado pela assinatura (*tag*) abaixo do enunciado. Escrita em língua estrangeira: inglês – SUBWAY – significado: metrô. Estilizada, quase ilegível, mas que marca uma forma de autoria. O pichador assina sua arte. Mais do que assinar, ele se inscreve nela. Uma assinatura que remete ao que está escondido, debaixo da terra, no obscuro – metrô – veículo de transporte das cidades grandes. Usado mais, neste país em desenvolvimento, pela camada desfavorecida. A assinatura contrasta com o enunciado por ser estilizada e deixa claro que não é a mensagem mais importante ali. Ela reforça a ideia de que o pichador vai contra a camada dominante e se posiciona na defesa daqueles que precisam de uma atenção maior na sociedade.

A Análise do Discurso não trata do indivíduo empírico, mas, como dissemos anteriormente, do sujeito constituído pelo simbólico e pelo ideológico. Como sujeitos e sentidos vêm ao mesmo tempo, cabe dizer que, com o efeito de sentido provocado pelo enunciado da pichação, percebe-se que não são as figuras de Pelé e Roberto Carlos que são atacadas. Estes nomes são conhecidos e destacados na sociedade há muito tempo e futebol e música são formas de entretenimento de todas as camadas sociais. Por conseguinte, os nomes carregam em si uma memória ligada ao futebol e à música que alcança um maior número de interlocutores e reforça o caráter de resistência da pichação.

3. Considerações finais

Língua e sociedade se constituem mutuamente. Mudanças na sociedade provocam mudanças na língua e nas suas maneiras de significar. Na língua, percebem-se movimentos de constituição identitária e historicidade. E as contradições dos sujeitos são percebidas no discurso.

Retomando o objetivo inicial: como se configuram os efeitos de sentido da pichação? Podemos dizer que na pichação analisada, os sujeitos da história buscaram se inscrever nela através de uma materialidade que faz emergir sentidos de luta, reivindicação, protesto, resistência. Insatisfeitos com a situação como está, encontram na linguagem uma possibilidade de produzir outros sentidos.

Reforça essa ideia o fato de a pichação ter alcançado um novo meio de significação e palco de protesto atual: o ambiente virtual. A imagem circulou através de uma página voltada para a veiculação de ideias de protesto. Uma nova configuração linguística se instala, já que se trata de uma nova materialidade. Os sentidos são produzidos na rua, no real, por pichação, que agora circulam no virtual. O que antes era censurado, produzido no oculto, agora é amplamente divulgado. No ambiente virtual, a pichação traz a memória de significação do que foi constituído no real, mas com a possibilidade do reconhecimento de um maior número de interlocutores, a perpetuação do trabalho do pichador e sem incidir em criminalidade.

Cabe ressaltar que no ambiente virtual há um novo enfoque para a pichação. No real, nas cidades, nas ruas, o local e o espaço físico da pichação é constituinte de seus efeitos de sentido. Uma pichação no alto de um prédio significa diferente de uma casa ou na prefeitura. No ambiente virtual, o linguístico é o foco. Como se tratam de fotografias, na maioria das vezes, o ambiente físico da pichação não é considerado.

No ano de 2013, diversas cidades no país foram utilizadas para manifestações que solicitavam melhores condições para o transporte. Essas manifestações iniciaram-se nas redes sociais. As pessoas veem na internet uma nova forma de protesto e divulgação de ideias que aliam primeiro o que se produz no real e depois se reproduz no virtual, mas com novo sentido, para novos leitores.

Se a pichação vandaliza e destrói é preciso, antes de tudo, construir uma sociedade em que os indivíduos sejam tratados com mais igualdade e justiça, com o rompimento das barreiras sociais. Uma sociedade onde as condições de vida sejam mais suportáveis.

Referências

CAVALLARI, J. S. **Avaliações externas e seus efeitos na subjetividade de professores.** Signum: Estudos da Linguagem, n. 14/1, p. 121-136, jun. 2011.

GADET, F. e HAK, T. **Por uma Análise Automática do Discurso.** Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora Unicamp, 1997.

ORLANDI, E. P. **Sentidos em fuga:** Efeitos da Polissemia e do Silêncio. In CARROZZA, Guilherme; SANTOS, Miriam dos; SILVA, Telma Domingues da (Orgs.). Sujeito, Sociedade, Sentidos. Campinas. Editora RG, 2012.

_____. **Cidade dos Sentidos.** Campinas. Editora Pontes, 2004.

_____. **Interpretação:** Autoria, Leitura e Efeitos do Trabalho Simbólico. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

_____. **O Próprio da Análise de Discurso.** Escritos,; Discurso e Política, Campinas, LABEURB –NUDECRI-UNICAMP, n. 3, p. 17-21, nov 1998.

_____. **Análise de Discurso:** Princípios e Procedimentos - Campinas: Pontes, 2010.

PÊCHEUX, M. **O Discurso:** estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1990.